



Anais do 5º Grupo de Estudos em Análise do Comportamento: pesquisas experimentais, translacionais e aplicadas

**Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento
LATEC - Laboratório de Análises e Tecnologias Comportamentais
Universidade Estadual de Londrina
Londrina – PR
2º semestre de 2018**

Coordenação do evento: Verônica Bender Haydu

Comissão organizadora: Verônica Bender Haydu, Raquel Neves Balan

Organização dos anais: Verônica Bender Haydu, Kauana Carneiro Lopes

Comissão científica: Verônica Bender Haydu, Kauana Carneiro Lopes, João Henrique de Almeida

Anais dos 5º Grupo de Estudos em Análise do Comportamento:
pesquisas experimentais, translacionais e aplicadas
Universidade Estadual de Londrina
2º semestre de 2018

APRESENTAÇÃO

O 5º Grupo de Estudos em Análise do Comportamento: pesquisas experimentais, translacionais e aplicadas (5º GESAC) é um evento científico promovido pelo Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento (PGAC) e pelo LATEC - Laboratório de Análises e Tecnologias Comportamentais da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UEL.

OBJETIVO DO EVENTO

O objetivo geral do evento é estudar conceitos e princípios básicos da Análise do Comportamento e os métodos de pesquisas experimentais, translacionais e aplicadas. Discutir pesquisas experimentais, aplicadas. Propor e discutir projetos de pesquisa sobre temas relacionados a processos de aprendizagem e processos clínicos da atuação do psicólogo.

PÚBLICO ALVO

Professores e alunos de cursos de graduação em Psicologia e alunos de mestrado em Análise do Comportamento, psicólogos analistas do comportamento.

Sumário

Comportamento verbal e não verbal na detecção de mentira: uma revisão de literatura. Pedro Eduardo Almeida, Alex Eduardo Gallo	4
Reversão de relações de equivalência preconceituosas e o IRAP como medida em delineamentos intrassujeitos. Verônica Bender Haydu, Raquel Neves Balan, Natália Corrêa Silva, Gabrieli Zaros Granusso, Leticia Martins de Souza, Julio Camargo, João Henrique de Almeida	6
O trabalho dos peritos criminais federais nas investigações de crimes de pedofilia e pornografia infantil sob a perspectiva analítico-comportamental. Natalia Rocha de Azevedo, Alex Eduardo Gallo	8
Variáveis que afetam as medidas geradas pelo Procedimento Relacional de Avaliação Implícita com participantes com medo de falar em público. Heloisa da Silva Carmo, João Henrique de Almeida, Verônica Bender Haydu	10
The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP): revisão da literatura de estudos experimentais. Bruna Resende Teixeira, Alex Eduardo Gallo, Verônica Bender Haydu	12
A resposta galvânica da pele e o <i>Implicit Relational Assessment Procedure</i> (IRAP) como medidas do medo de falar em público: uma comparação entre grupos com e sem medo. Raquel Neves Balan, João Henrique de Almeida, Verônica Bender Haydu	14
Manutenção de classes de estímulos equivalentes: análise experimental do lembrar. Verônica Bender Haydu, Marinus van Leeuwen, Raquel Neves Balan, João Henrique de Almeida	16
Criatividade e Análise do Comportamento Thaís Sousa Silva, Verônica Bender Haydu	18
Transformação de funções em redes relacionais hierárquicas: um análogo experimental do preconceito. João Henrique de Almeida, Táhcita M. Mizael, Carolina C. Silveira, Julio Cesar de Rose	20

O comportamento verbal e não verbal na detecção da mentira: uma revisão bibliográfica. Pedro Eduardo Almeida, Alex Eduardo Gallo (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil).

O presente estudo está inserido nas linhas de pesquisas que investigam a identificação do comportamento de mentir por meio da observação do comportamento verbal e não verbal. Diversos processos comportamentais ocorrem durante a interação social, inclusive o de mentir. A mentira é uma das funções básicas do repertório verbal e pode ser considerada como sendo um comportamento operante essencialmente verbal e que pode apresentar componentes não verbais durante sua emissão. O mentir é um aspecto importante do comportamento humano enquanto habilidade social que colabora, de modo conveniente, com a convivência em sociedade. Tão importante quanto o desenvolvimento de um repertório comportamental adequado de mentir é a sua detecção. Dentre as técnicas de detecção de mentiras destaca-se nesse estudo a observação da emissão de comportamentos verbais e não verbais, que podem contradizer o que está sendo vocalizado. A detecção da mentira por meio da observação das alterações do comportamento não verbal vem ganhando destaque atualmente e a bibliografia aponta que o número de informações obtidas com os métodos é maior, principalmente quando se trata de interações que pode ocorrer dissimulação de ideias, sentimentos e emoções. No sentido de elucidar questões pertinentes correspondentes às bibliografias na área, o presente trabalho tem o objetivo de identificar, por meio de levantamento bibliográfico sistemático, estudos que abordaram a identificação de mentira por intermédio da observação do comportamento não verbal sob a perspectiva analítico-comportamental. As buscas bibliográficas sobre o tema serão realizadas nas seguintes bases de dados: Scielo, Web of Science, PsicARTICLES (APA) e ScienceDirect (Elsevier). Serão incluídos na busca: referências encontradas nos trabalhos obtidos e os periódicos Journal of the Experimental Analysis of Behavior (JEAB) e Journal of Applied Behavior Analysis (JABA). Os termos de

busca serão: Análise do Comportamento AND Detecção de Mentira, Comportamento não verbal AND Detecção de mentira, Comportamento verbal AND Detecção de mentira (para as bases brasileiras) e Behavior Analysis AND Lie Detection, Nonverbal Behavior AND Lie Detection, Non-verbal Behavior AND Lie Detection e Verbal Behavior AND Lie Detection. Não será estabelecido um período específico para a busca. As bibliografias obtidas deverão responder aos seguintes critérios para sua inclusão: (a) trabalhos empíricos cujo tema central é a aplicação de técnicas de observação do comportamento não verbal de mentir; (b) trabalhos nos idiomas: português, inglês e espanhol. Serão excluídos os trabalhos: (a) estudos focados em treinamentos de profissionais em técnicas específicas; (b) pesquisas referentes a outros métodos de detecção de mentira diferentes aos da observação do comportamento não verbal; (c) trabalhos repetidos ou incompletos. Os estudos serão identificados e selecionados por meio do título e do resumo. Após essa fase, os trabalhos serão lidos na íntegra, revisados e demonstrados em um banco de dados. Na etapa seguinte, será realizada uma análise e elaboração de um resumo crítico dos trabalhos selecionados. Por fim, os dados obtidos serão descritos e acompanhados por uma conclusão com informações referentes às principais evidências acerca da detecção de mentira.

Palavras-chave: Detecção de mentira. Análise do Comportamento. Comportamento não verbal.

Reversão de relações de equivalência preconceituosas e o IRAP como medida em delineamentos intrassujeitos. Raquel Neves Balan, Verônica Bender Haydu, Natália Corrêa Silva, Gabrieli Zaros Granusso, Letícia Martins de Souza (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil), Julio Camargo, João Henrique de Almeida (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil).

O preconceito racial é um comportamento relacional aprendido de atribuição arbitrária de termos negativos a pessoas de determinadas etnias. Como uma maneira de intervenção em casos de preconceito racial contra pessoas negras, sugere-se o ensino de relações condicionais que levem à reversão das relações preconceituosas. Assim, foram propostos dois estudos: o primeiro visou reverter relações entre fotos de faces negras e sinal negativo. Participaram 12 universitários que se autodenominassem brancos e que apresentaram no pré-teste número maior de relações entre faces negras (C1) e sinal negativo (A1) em comparação a relação entre faces brancas (C3) e sinal negativo (A2). Os treinos e testes foram realizados por meio de *matching-to-sample* (MTS). O procedimento foi: Pré-teste CA, Treino AB (sinal positivo/figura abstrata), Treino BC (figura abstrata/face negra ou outra figura abstrata) e o Teste das relações emergentes em que faces brancas foram incluídas como escolhas. No pré-teste e no pós-teste as respostas não forneciam consequências para as respostas, tendo sido testadas as relações entre C1A1, C2A2, C3A2. O conjunto de estímulos C era formado pelos estímulos C1.1, C1.2 e C1.3, e o conjunto de estímulos C3 era composto por C3.1, C3.2, C3.3. Os estímulos dos diferentes conjuntos eram apresentados de forma randomizada no teste. Verificou-se no Pós-teste que seis dos 12 participantes apresentaram porcentagens de resposta de acordo com o critério de preconceito estabelecido. Desses seis participantes, apenas três apresentaram no pós-teste porcentagens de respostas acima de 50%, e um participante apresentou apenas uma resposta a mais em comparação ao que apresentou no pré-teste, passado de 50% para 55,5%. Dois participantes apresentaram redução nas porcentagens de respostas de acordo com as

relações estabelecidas pelos experimentadores após o treino. Destaca-se que sete dos 12 participantes apresentaram no pós-teste porcentagens de respostas indicativas de baixo preconceito (80% ou mais de respostas de acordo com as relações estabelecidas pelos experimentadores) e que dois desses sete participantes atingiram o critério estabelecido, o qual caracteriza o preconceito. O Estudo 2 tem objetivo semelhante ao do Estudo 1, mas serão comparados os resultados de estudantes universitários de diferentes cursos que possuem porcentagens distintas de alunos afrodescendentes (Psicologia, Direito e Educação Física), e será avaliado se o IRAP detecta mudanças de atitudes em um procedimento de linha de base do sujeito como próprio controle. Os participantes (n=20) serão submetidos à pré e pós-teste com o IRAP e a treinos com o MTS. As relações testadas com o IRAP serão entre faces negras e palavras negativas, faces negras e palavras positivas, faces brancas e palavras negativas, faces brancas e palavras positivas. As relações ensinadas serão iguais às do Estudo 1, com o objetivo de levar à emergência de relações entre símbolos positivos e imagens de pessoas negras no teste de equivalência. Espera-se demonstrar que o IRAP fornece medidas adequadas para delineamentos intrassujeito e que o procedimento de ensino de relações condicionais pode ser usado para reverter relações pré-experimentalmente estabelecidas, como foi observado no Estudo 1.

Palavras-chave: Preconceito Racial. Equivalência de Estímulos. Responder Relacional. Reversão de Classes de Equivalência. *Implicit Relational Assessment Procedure*.

O trabalho dos Peritos Criminais Federais nas investigações de crimes cibernéticos contra crianças e adolescentes sob a perspectiva analítico-comportamental. Natalia Rocha de Azevedo, Alex Eduardo Gallo (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil).

A pedofilia e a pornografia infantil têm sido estudadas por vários campos do conhecimento, em inúmeros recortes e propostas de análise: questões jurídicas, antropológicas, sociológicas, psicológicas, dentre outras. Boa parte dos estudos psicológicos versa sobre questões ligadas às vítimas, que são as crianças ou adolescentes e sobre os sujeitos com comportamento pedofílico. Entretanto, pouco se sabe acerca dos profissionais que atuam na perícia criminal desses casos e qual seria a contribuição da análise do comportamento nesse campo. O presente trabalho tem como objetivo discutir os temas da pedofilia e da pornografia infantil, focando nos profissionais que atuam no processo investigativo, mais especificamente no quadro de Peritos Criminais Federais da Polícia Federal – Área 3 (Informática). Para sua realização, serão utilizados artigos encontrados nas bases de dados do Portal da Capes, *Scielo*, *Web of Science*, *PsicARTICLE (APA)* e *ScienceDirect (Elsevier)*, *Sage Journals*. Pela especificidade do tema, serão incluídos também resultados encontrados na ferramenta de pesquisa Google Acadêmico e referências dos trabalhos obtidos, em português e inglês, buscados a partir das combinações das seguintes palavras-chave e expressões-chave: pedofilia; pornografia infantil; criminalística; perito criminal; análise do comportamento; estupro de vulnerável; abuso sexual e suas respectivas traduções ou adaptações. Os operadores booleanos AND e OR foram usados para artigos, teses e dissertações. Não será estabelecido um período específico para a busca. Pretende-se, a partir de uma revisão sistematizada de literatura, verificar o que pesquisas anteriores trazem a respeito do trabalho investigativo/pericial de quem atua nesse tipo de crimes cibernéticos e questões de saúde psicológica envolvidas, visando futura proposição de modelo preventivo e/ou interventivo adaptado à realidade brasileira. A bibliografia que será obtida a partir desta pesquisa deverá responder ao seguinte critério para sua inclusão: trabalhos cujo tema central seja o investigador/perito criminal/forense que atue em casos

de crimes cibernéticos, que envolvam crianças e adolescentes. Os critérios de exclusão de produções bibliográficas serão os seguintes: (a) estudos que tenham como sujeitos profissionais que atuam na área de investigação/perícia criminal/forense não atuantes nos casos de crimes cibernéticos contra crianças e adolescentes; (b) trabalhos repetidos ou incompletos. Os estudos serão identificados e selecionados pelo título e pela leitura do resumo. Em seguida, serão lidos na íntegra, revisados e demonstrados em um banco de dados. Na etapa seguinte, será realizada uma análise e elaboração de um resumo crítico dos trabalhos selecionados. A conclusão objetiva discutir os dados levantados sob a ótica analítico-comportamental.

Palavras-chave: Pedofilia. Pornografia infantil. Perícia criminal. Análise do comportamento. Estupro de vulnerável. Abuso sexual.

Variáveis que afetam as medidas geradas pelo Procedimento Relacional de Avaliação Implícita com participantes com medo de falar em público.

Heloisa da Silva Carmo (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil), João Henrique de Almeida (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil), Verônica Bender Haydu (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil).

De forma geral, são utilizados questionários e entrevistas para coletar informações sobre os dados e os comportamentos apresentados por pacientes que se apresentam para psicoterapia. A fidedignidade dos relatos verbais do pacientes está sujeita a uma série de variáveis que podem torná-los imprecisos. Por exemplo, os pacientes podem não discriminar com precisão as variáveis relacionadas a seus comportamentos ou podem responder com base no que julgam ser socialmente adequado. Com base nesse tipo de crítica, e principalmente no que diz respeito aos transtornos de ansiedade e de depressão, foram desenvolvidos, por pesquisadores da Psicologia, instrumentos que não consideram o autorrelato, mas sim, respostas implícitas. Um desses instrumentos é o Procedimento Relacional de Avaliação Implícita (*Implicit Relational Procedure – IRAP*), desenvolvido por pesquisadores da Análise do Comportamento. Esse procedimento é apresentado na forma de um software que mede a latência de respostas diante de relações condicionais. A racional do programa é que os participantes respondem com menor latência e maior precisão quando relação apresentada estiver de acordo com sua história de aprendizagem. O presente estudo visou: (a) comparar o desempenho de participantes com e sem medo de falar em público com base em medidas de precisão e latência geradas por meio do IRAP, usando frases como estímulos-alvo; (b) comparar os resultados do IRAP, ao se avaliar o desempenho dos participantes com medos de falar em público, usando sentenças como estímulos-alvo, com os resultados de estudo anterior, que utilizou figuras como estímulos-alvo. Participaram do estudo 11 estudantes universitários, distribuídos em dois grupos a partir da Escala para Auto-Avaliação ao Falar em Público. Foram apresentadas estímulos-alvo na forma de sentenças

relacionadas ao medo de falar em público e sentenças relacionadas a atividades que não envolviam falar em público. O procedimento apresentado no computador envolveu de blocos de 32 tentativas. Cada tentativa consistiu de: (a) um estímulo-rótulo; (b) uma frase de estímulo-alvo, podendo ser relacionada a falar em público ou atividades isoladas; e (c) duas opções de respostas com os termos “verdadeiro” ou “falso”. Os participantes classificados como não tendo medo de falar em público apresentaram respostas com maior precisão e menor latência quando os estímulos “atividades isoladas” e palavras de cunho positivo eram relacionados. Os participantes com medo de falar em público responderam com maior precisão e menor latência entre “atividade isolada” e palavras de cunho negativo. Em relação às tentativas com os estímulos de falar em público, foi possível observar grande variabilidade, não se obtendo diferenças estatisticamente significantes. No entanto, o grupo com medo respondeu com maior precisão e menor latência no tipo de tentativa que relacionava estímulos falar em público e palavras de cunho negativo, do que os participantes sem medo.

Palavras-chave: Transtorno de Ansiedade; Medo de falar em público; Implicit Relational Procedure, IRAP.

The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP): revisão da literatura de estudos experimentais. Bruna Resende Teixeira, Alex Eduardo Gallo, Verônica Bender Haydu (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil).

O Procedimento de Avaliação de Relações Implícita (*IRAP*) foi desenvolvido em 2006 por Barnes-Holmes e colaboradores, sendo fundamentado pela Teoria das Molduras Relacionais (*RFT*). Ele tem como objetivo entender a dinâmica do responder relacional arbitrariamente aplicável (*RRAA*). O desenvolvimento da *RFT* forneceu uma descrição conceitual dos fenômenos que definem a linguagem e a cognição, incluindo domínios sobre: ensino de leitura e escrita, tratamento de fobias, desenvolvimento de repertório em autistas, desenvolvimento da Teoria de Aceitação e Compromisso, dentre outros. Uma contribuição importante foi o desenvolvimento do procedimento que possibilita o estudo de relações verbais, o *IRAP*, que é um procedimento que mede a latência com que os participantes respondem a relações entre estímulos específicos de forma consistente e inconsistente com a sua história pré-experimental. A hipótese básica do *IRAP* é que os participantes respondem de forma mais rápida nas tentativas do conjunto consistente com sua história em relação ao conjunto inconsistente. Tanto as medidas obtidas a partir da latência como os acertos apresentados pelos dos participantes são registradas. O *software* apresenta um estímulo- rótulo e um estímulo-alvo, e na parte inferior duas opções de resposta. O procedimento é formado por uma fase de treino e uma de teste das relações condicionais. Na maior parte dos estudos, os participantes são requeridos a completar os blocos com critério de precisão de 80% de respostas corretas e com a latência média de até 3000 ms. Os participantes que não atendem a esse critério têm seus dados desconsiderados. Objetivo do presente trabalho foi discutir sobre realização de uma revisão sistemática da literatura sobre o *IRAP* como um procedimento de avaliação implícita. Os artigos foram pesquisados nas bases de dados *PsycINFO*, *Pubmed/Medline* e *Web of Science*, delimitando o período de tempo de publicação dos trabalhos desde 2013 até 2018. Em uma primeira análise dos resumos encontrados como critério de inclusão para artigos recuperados

foram selecionados aqueles que se referiam a estudos usando o *IRAP* como um procedimento de avaliação implícita no título e/ou resumo. Dos 289 estudos encontrados, 80 atenderam aos critérios de inclusão. A segunda análise será realizada com base no conteúdo dos estudos desenvolvidos estabelecendo categorias no intuito de caracterizar a produção encontrada. Será realizada uma análise descritiva da produção encontrada pelas categorias: número e características dos participantes (idade, raça, sexo), ano de publicação, metodologia adotada e tipo de intervenções. Por fim, será realizada uma análise da qualitativa dos estudos encontrados que serão apontadas a qualidade do uso do referencial teórico, das análises qualitativas, do delineamento e as limitações metodológicas.

Palavras-chave: Procedimento de avaliação implícita. *Implicit Relational Assessment Procedure*. Revisão.

A resposta galvânica da pele e o *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP) como medidas do medo de falar em público: uma comparação entre grupos com e sem medo. Raquel Neves Balan (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil), João Henrique de Almeida (Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil), Verônica Bender Haydu (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil).

Repertórios de habilidades sociais, incluindo o comportamento de falar em público, são exigidos em vários contextos do cotidiano, principalmente em cargos profissionais e acadêmicos. Apesar disso, um transtorno de ansiedade comum entre a população é a fobia de falar em público. A fobia e o medo de falar em público incluem comportamentos públicos, como fuga e esquiva de contextos específicos; comportamentos encobertos, tais como pensamentos e sentimentos; e respostas fisiológicas como alteração da taxa cardíaca e da permeabilidade da pele à corrente elétrica (resposta galvânica da pele). A intervenção terapêutica desse tipo de transtorno, na maioria das vezes, é iniciada com uma avaliação feita pelo profissional, a qual é realizada por meio de instrumentos, como questionários e entrevistas. Nesses casos, o avaliador analisa os dados de acordo com os relatos verbais dos pacientes. No entanto, essas medidas podem ser enviesadas devido a presença do profissional ou pelo contexto da avaliação. No entanto, há instrumentos capazes de acessar comportamentos encobertos de modo que as respostas dos pacientes sejam menos influenciadas pelo controle social. Um desses instrumentos é o *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP), que avalia o responder relacional diante de estímulos escolhidos pelo avaliador, por meio de um programa de computador. O presente estudo visou avaliar o medo de falar em público com o IRAP e comparar os resultados com a resposta galvânica da pele (RGP), uma medida de respostas emocionais. Além disso, comparar os dados de participantes com e sem medo de falar em público. Quatro tipos de relações foram testados por meio do IRAP: falar em público-bom, falar em público-ruim, paisagem-bom e paisagem-ruim. Os participantes deviam relacionar esses estímulos de acordo com a regra especificada para cada bloco de tentativas,

com latências menores ou iguais a 2000 ms. Os participantes do estudo (n=34) foram distribuídos em dois grupos de acordo com suas respostas em uma escala de autoavaliação (*Self Statements during Public Speaking Scale - SSPS*). Grupo sem medo de falar em público (n=18) e grupo com medo de falar em público (n=16). Foram registradas a RGP dos participantes enquanto assistiam a uma apresentação no computador com fotos de situações de falar em público. Em seguida, os participantes responderam ao IRAP, o que devia ser feito de maneira rápida e precisa de acordo com as regras estabelecidas pelos experimentadores. Apenas o grupo com medo de falar em público apresentou *d-scores* no IRAP estatisticamente diferentes de zero para a relação falar em público-ruim. Além disso, os dois grupos apresentaram resultados estatisticamente significativos ao relacionar paisagem com atributos “bons”, confirmando a hipótese de que essa relação foi fortalecida na história de todos participantes. Por fim, verificou-se que, após realizar uma correlação de *Spearman* entre os dados do IRAP e da RGP, a única medida estatisticamente significativa foi para a relação falar em público como algo ruim para os participantes sem medo de falar em público.

Palavras-chave: *Implicit Relational Assessment Procedure*. Responder relacional derivado. Medo de falar em público. *Biofeedback*. Resposta Galvânica da Pele.

Manutenção de classes de estímulos equivalentes: análise experimental do lembrar. Verônica Bender Haydu, Marinus van Leeuwen, Raquel Neves Balan (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil), João Henrique de Almeida (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil).

O número de estímulos a ser relacionado nas classes indica ter efeito sobre a manutenção delas após a passagem do tempo, sendo maior a probabilidade de manutenção e de recuperação de classes com um maior número de estímulos. Esses dados foram demonstrados em estudos anteriores, no entanto requerem ser replicados e detalhes de procedimento devem ser controlados para que esses resultados possam ser considerados evidências científicas e fundamentarem o desenvolvimento de tecnologias comportamentais. O objetivo do presente estudo é avaliar o efeito do número de membros das classes sobre a manutenção de classes com três e com seis estímulos. Para isso, 20 estudantes universitários, convidados em sala de aula e escolhidos de forma aleatória, participarão da pesquisa, que será realizada em três etapas. A primeira etapa consistirá na elaboração de uma história experimental comum a todos os participantes por meio do estabelecimento de três classes de estímulos com três elementos em cada. A segunda etapa envolverá o treino de discriminações condicionais para formação de dois conjuntos de classes de equivalência: os participantes do Grupo 1 deverão formar três classes com três estímulos e os do Grupo 2 três classes com seis estímulos. Na Etapa 2, haverá *feedback* para as respostas nos blocos com treino diferencial: se acerto, a mensagem “Parabéns, você acertou” será exibida; se erro, a mensagem “Que pena, você errou” será exibida. Nessa mesma etapa, nos blocos de teste não haverá consequências diferenciais. As tentativas dos blocos de treino e de teste serão seguidas por um ITI de 1 s, independente do estímulo escolhido pelo participante. Em todos os blocos, o critério de acertos será de 90% de acordo com as especificações programadas. Caso isso não se cumpra, o bloco (ou blocos anteriores) serão repetidos. Nos blocos da Etapa 2, cada relação entre estímulos será apresentada em pelo menos uma das três posições

possíveis na tela. Na terceira etapa, será aplicado os testes de manutenção das classes anteriormente formadas, o que será feito 6 semanas após o teste de formação das classes de equivalência. Para analisar o efeito da história experimental, os dados sobre repetições dos blocos, porcentagem de acertos e o tempo de reação serão comparados. Para verificar a probabilidade de formação de classes de estímulos equivalentes, os dados sobre número de repetições dos blocos, porcentagem de acertos e tempo de reação serão comparados. Para a análise do efeito do tamanho das classes, os dados sobre porcentagem de acerto, tempo de reação e distribuição de erros e acertos serão comparados. Espera-se demonstrar que as classes com maior número de estímulos (seis) sejam mais estáveis ao longo do tempo do que as classes menores, com três estímulos.

Palavras-chave: equivalência de estímulos, responder relacional, Análise Experimental do comportamento.

Criatividade e Análise do Comportamento. Thaís Sousa Silva e Verônica Bender Haydu (Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil).

Criatividade é um tema bastante diluído no ideário popular e talvez, por isso, é confundido com um assunto simples. Todavia, do ponto de vista científico, o tema é complexo e não há uma definição operacional para o termo. Ele é alvo interesse de pesquisadores de inúmeras áreas do conhecimento como a Filosofia, Educação, Psicologia, Análise do Comportamento, Matemática, Computação, Biologia, Inteligência Artificial, dentre outras. Analistas do comportamento têm fragmentado o estudo da criatividade, analisando comportamentos novos, a variabilidade comportamental, e o *insight* (a recombinação de repertórios comportamentais). Mesmo tendo enfatizado um ou outro processo comportamental relativo à criatividade, um aspecto comum no que diz respeito aos princípios da Análise do Comportamento é a caracterização de todo e qualquer comportamento com base no Modelo de Seleção pelas Consequências, de acordo com o qual três níveis de seleção operam: a filogênese, a ontogênese e a evolução da cultura. No caso do estudo da criatividade, um ponto de partida interessante é o cultural, ou seja, a análise das contingências estabelecidas na comunidade verbal em que o indivíduo está inserido. O comportamento criativo é assim caracterizado a partir da utilidade que esse comportamento tem para a comunidade, contexto no qual é estabelecido o reforço diferencial. Explicar a criatividade considerando-a um comportamento operante (comportamento mantido por reforço diferencial) implica em descrever as variáveis controladoras do comportamento. Essa descrição permite estabelecer e compreender como prever e controlar os comportamentos. Ao se considerar que o comportamento criativo tem a característica de ser novo e original, um aspecto fundamental é identificar os critérios de comparação para que se possa dizer que ele é diferente/novo. Isso é feito, de forma geral, pelas comunidades verbais, o que possibilita criar estratégias para desenvolver e manter esse tipo de comportamento. Comunidades que criam condições para que seus membros sejam criativos, provavelmente, têm perspectivas promissoras para a promoção do bem estar

individual e coletivo. Isso posto, sugere-se que os analistas do comportamento combinem esforços para que os resultados de suas pesquisas sobre “comportamentos novos”, “variabilidade comportamental” e a “recombinação de repertórios comportamentais” sejam integrados para a análise e a proposição de contingências que promovam comportamentos criativos.

Palavras-chave: Comportamento criativo. Insight. Variabilidade. Comportamento novo.

Transformação de funções em redes relacionais hierárquicas: um análogo experimental do preconceito. João Henrique de Almeida, Táhcita M. Mizael, Carolina C. Silveira e Julio C. de Rose (Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil).

O preconceito em qualquer de suas manifestações prejudica a qualidade das interações humanas. Esse fenômeno, a despeito de causar efeitos sociais terríveis, como segregação e intolerância, está presente em todas as culturas e sociedades humanas. Um dos preconceitos mais prevalentes é o racismo, que mesmo sendo condenado amplamente é um desafio para intervenções científicas, provavelmente, devido a sua difusão sutil e duradoura. Alguns dos estudos na abordagem comportamental foram desenvolvidos focalizando de respostas relacionais derivadas, no entanto uma moldura ainda não observada nesta ótica, a moldura de hierarquia. Nessa moldura relacional, efeitos específicos devem ser potencialmente observados, como a inclusão de elementos em níveis hierárquicos superiores e inferiores, relativamente, uma assimetria das relações de pertencimento e uma unilateralidade das propriedades compartilhadas por alguns desses elementos. Apesar de existirem na literatura alguns trabalhos defendendo essa perspectiva nas duas únicas demonstrações experimentais, os efeitos foram semelhantes aos de outras molduras (especialmente coordenação). Essa interpretação se deve principalmente ao fato de o tipo de teste de transformação de função realizado e a estrutura de treino proposta não permitirem ao leitor observar adequadamente o controle existente. Entendemos que esse resultado pode ser atribuído à utilização de diferentes molduras no estabelecimento das redes relacionais. O objetivo deste estudo foi estabelecer uma organização hierárquica entre personagens e atribuir funções a um elemento dessa rede. Posteriormente, foram investigados efeitos de transformações de função relativos às redes relacionais arbitrariamente estabelecidas e efeitos de generalização diante de elementos que não estavam presentes no treino, mas que compartilhavam características físicas semelhantes aos estímulos de interesse. O estudo foi dividido em dois experimentos, para os quais foram

convidados 16 estudantes universitários, sendo que 12 deles finalizaram os procedimentos. O procedimento envolvia, inicialmente, um treino de múltiplos exemplares, com elementos familiares aos participantes (frutas, animais, roupas etc.) com a função de estabelecer as dicas contextuais de “contém” e “está contido”. Em seguida, foram ensinadas redes relacionais de hierarquia, em que personagens estariam contidos em um grupo específico e dois desses grupos estariam contidos em um grupo hierarquicamente superior. Uma função negativa ou positiva foi atribuída a um desses grupos apenas e, em seguida, foi investigada a transformação de funções para todos os elementos nessa rede relacional. No primeiro experimento, em que as respostas eram absolutas (o participante escolhia os personagens de sua preferência e apontava com positivo, negativo e neutro) cinco dos oito participantes demonstraram um controle pelas relações planejadas pelos experimentadores. No segundo experimento, em que os participantes tinham uma maior liberdade de respostas em relação aos personagens (podiam responder em uma lacuna abertamente em relação às funções transferidas) três dos quatro participantes demonstraram um desempenho coerente com o proposto pelos experimentadores. Além disso, 10 dos 12 participantes generalizaram os efeitos quando expostos a estímulos com propriedades físicas semelhantes. De forma geral, apesar de um estudo ainda inicial e exploratório, os dados demonstram a importância de considerarmos as diferentes molduras relacionais ao investigar os efeitos do cotidiano. Além disso, foi possível observar como que diante de respostas de maior complexidade relacional efeitos diferentes podem ser observados. A discussão sobre as respostas derivadas, a partir do estabelecimento de redes relacionais hierárquicas ainda é insipiente. Pensamos que apenas com o desenvolvimento de procedimentos como os descritos neste estudo poderemos conhecer o real papel desta relação no repertório verbal humano.

Palavras chave: hierarquia, teoria das molduras relacionais, transformação de função, preconceito.